

Bresser propõe calote

Brasília, quinta-feira, 9 de agosto de 1990 **7**

em 50% da dívida

Externa

O ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, propôs ontem, durante exposição no seminário **A Renegociação da Dívida Externa**, promovido pelo Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos do Senado Federal (Cedesen), a redução e cancelamento unilateral de 50 por cento da dívida externa de médio e longo prazos junto aos bancos comerciais, num primeiro momento, e depois junto ao Clube de Paris.

De acordo com a proposta de Bresser, 50 por cento da dívida de médio e longo prazo junto aos bancos credores deveria ser cancelada dos livros do Banco Central e do próprio Orçamento Geral da União. Os 50 por cento restantes seriam subdivididos em: 20 por cento teriam os juros correspondentes pagos no prazo de 30 anos; 10 por cento seriam convertidos em títulos de privatização; e 20 por cento seriam pagos após a assinatura de novos contratos com os bancos.

Bresser Pereira apresentou sua proposta perante a um público composto por parlamentares, as-

sessores, representantes de embaixadas e de bancos privados e ao lado de debatedores como os ex-ministros Mário Henrique Simonsen e João Sayad, além do chefe do Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis da Universidade de Brasília, Luiz Fernando Victor. "No meu entender", disse Bresser, "o Governo já está caminhando para isso; sem confrontação e de maneira elegante".

O ex-ministro defende a manutenção dos pagamentos relativos à dívida de curto prazo junto aos bancos comerciais, bem como da dívida contraída junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (Bird) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), de acordo com as condições contratuais vigentes.

RESTRICÇÕES

A proposta de Bresser só encontrou restrições por parte do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, principalmente no que se refere a sua extensão ao Clube de Paris. "O grande problema da proposta seria a negocia-

ção com o Clube de Paris, pois no caso dos bancos comerciais você tem mecanismos espontâneos de redução da dívida", disse.

Simonsen destacou ainda que no caso dos bancos comerciais é preciso ver primeiro o que cada um está disposto a fazer, disse. "Têm bancos que estão interessados pura e simplesmente em sair do País. Aí, bastaria comprar títulos da dívida pela cotação do mercado secundário", comentou.

Para Simonsen, um bom acordo para a dívida externa deve conter alguma redução de estoque; assegurar acesso a linhas de crédito comerciais que não sejam apenas de curto prazo.

O ex-ministro considera que o atual Governo tem atuado na direção certa e que há boas chances de se conseguir um bom acordo. "É do interesse do Governo e é do interesse dos credores sair desse impasse, visto que a indefinição criada pela moratória assumida pelo Governo anterior não pode ser duradoura".